

Pensando a língua como identidade

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Spoiler da aula



Vídeos

Vídeo 1

[O Auto da Compadecida - Trailer](#)

Vídeo 2

[O Jeitinho Carioca](#)

Vídeo 3

[Paul McCartney – ‘Vamos botar boneco!’](#)

Revisando a matéria em 7 minutos!



Competência 8? Habilidade 26? O que isso tem a ver com o Enem?

Nesta competência, é importante que o candidato compreenda que a língua é um instrumento de comunicação, pois é composta de regras gramaticais que possibilitam que determinado grupo de falantes consiga produzir enunciados que lhes permitam se comunicar e se compreender. A língua, não só a portuguesa, pertence a um conjunto de pessoas para que possam se comunicar, o que comprova seu caráter social. Como a língua está diretamente ligada a um conjunto de pessoas, sabe-se que, conseqüentemente, há diversas situações de fala. Nesse sentido, a cada situação de fala, cada falante recria a língua e cada um diz as coisas de determinada maneira, porque é daquela maneira que se costuma dizer. Dessa maneira, em relação à habilidade 26, é necessário que o candidato saiba que a linguagem varia de acordo com a situação de comunicação. Por exemplo, ao dar uma palestra, um profissional usa a linguagem formal, no entanto, em um ambiente familiar, a linguagem seria coloquial. Em

relação a isso, pode-se dar a seguinte dica: o Enem já colocou algumas questões que exigiam esse tipo de identificação.

Competência 8

Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade 26

Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.



Registro formal X Registro informal

Durante o estudo de uma comunidade linguística, pode-se perceber a existência de diversidade ou variação no modo de falar. Estas maneiras diferentes de falar chamam-se variedades linguísticas. Nesse contexto, a língua pode variar de acordo com o contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo de falar, que pode ser formal ou informal. Esta variação, portanto, refere-se ao registro empregado pelo falante em determinado contexto interacional, ou seja, depende da situação em que a pessoa está inserida.

Em uma palestra, por exemplo, um professor deve utilizar a linguagem formal, ou seja, aquela que respeita as regras gramaticais da norma padrão. Por outro lado, em uma conversa com os amigos, esse mesmo professor pode se expressar de forma mais natural e espontânea, sem a obrigação de refletir sobre a utilização da língua de acordo com a norma culta, usando, por exemplo, gírias e coloquialismos.

Nesse mesmo sentido, deve-se reforçar que a linguagem usada na internet e em um texto formal deve ser diferenciada: enquanto na internet é permitido o uso de abreviações e o uso de "pra" no lugar de "para", em uma redação isso é proibido, uma vez que é um texto que exige a norma culta da língua. Na prova do Enem, normalmente, as questões cobram esse tipo de identificação.

Exemplo



Nessa imagem, a ideia é mostrar que o menino passa tanto tempo na internet que varia o seu registro de língua, adaptando-o às circunstâncias, já que, na internet, é normal que não as normas da gramática não sejam respeitadas completamente.

Colocação pronominal e inadequação de pronomes

A colocação pronominal se refere à parte da gramática que trata da correta colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase. Embora na fala a colocação dos pronomes não seja rigorosamente seguida, algumas normas devem ser observadas, sobretudo, na escrita. No entanto, essas normas não são aleatórias, visto que existe uma ordem de prioridade na colocação pronominal: primeiramente, tente fazer próclise, depois, siga para a mesóclise e, em último caso, recorra à ênclise. Veja:

Próclise

É a colocação dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo. Usa-se a próclise, obrigatoriamente, quando o verbo for precedido pelas seguintes palavras que atraem o pronome:

Palavras de sentido negativo: Você **nem** se preocupou com meus problemas!

Advérbios: **Aqui** se pode viver tranquilamente.

Pronomes Indefinidos: **Alguém** me telefonou?

Pronomes Interrogativos: **Que** me falta conhecer?

Pronomes Relativos: A pessoa **que** te telefonou não se identificou.

Pronomes Demonstrativos Neutros: **Isso** o comoveu demais.

Conjunções Subordinativas: Chamava pelos nomes, **conforme** se lembrava deles.

Mesóclise

É a colocação dos pronomes oblíquos átonos no meio do verbo no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito. Em outras palavras, o pronome oblíquo átono será colocado entre o infinitivo e as terminações de futuro: Amar-te-ei eternamente/ Eu te amarei eternamente.

Ênclise

É a colocação dos pronomes oblíquos átonos depois do verbo. Usa-se a ênclise, principalmente nos seguintes casos:

O verbo inicia oração: Entreguei-lhe os documentos já assinadas.

Com o verbo no imperativo afirmativo: Por favor, traga-me um copo de água!

Com orações reduzidas de gerúndio ou de infinitivo: Cheguei a convidá-lo para a festa, mas ele não quis ir.

Observe:

Domingo de manhã – Marcos e Belutti

Tá com voz de sono, foi mal se te acordei
Desligue e volte a dormir, depois me ligue aqui

Eu nem sei o que faria nesse inverno
Qualquer coisa que não fosse com você
Me causaria tédio

Poderia estar agora no espaço em um módulo lunar,
Ó que chato
E se eu tivesse agora velejando num barquinho no Caribe,
Deus me livre
Poderia estar agora num hotel mil estrelas em Dubai
Mas eu, eu, eu

Prefiro estar aqui
Te perturbando, domingo de manhã
É que eu prefiro ouvir sua voz de sono
Domingo de manhã,
Domingo de manhã

Tá com voz de sono, foi mal se te acordei
Desligue e volte a dormir, depois me ligue aqui

Eu nem sei o que faria nesse inverno
Qualquer coisa que não fosse com você
Me causaria tédio

Poderia estar agora no espaço em um módulo lunar
Ó que chato
E se eu tivesse agora velejando num barquinho no Caribe
Deus me livre
Poderia estar agora num hotel mil estrelas em Dubai
Mas eu, eu, eu

Prefiro estar aqui
Te perturbando, domingo de manhã
É que eu prefiro ouvir sua voz de sono
Domingo de manhã,
Domingo de manhã

Eu prefiro estar aqui
Te perturbando domingo de manhã
É que eu prefiro ouvir sua voz de sono
Domingo de manhã,
Domingo de manhã

Domingo de manhã
Tá com voz de sono
Tá com voz de sono, foi mal se te acordei

Em “depois me ligue aqui”, o pronome oblíquo átono “me” está posicionado antes do verbo devido à presença do advérbio de tempo “depois”, que é uma palavra atrativa para a ocorrência da próclise. Por outro lado, em “qualquer coisa que não fosse com você/me causaria tédio”, há um erro quanto à colocação pronominal, pois um pronome oblíquo átono não deve iniciar uma oração. Portanto, o correto seria a aplicação da mesóclise, ainda que pareça estranho, em “me causaria tédio” devido à conjugação do verbo no Futuro do Pretérito: Causar-me-ia tédio.

Dica: Os brasileiros só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase, contrariando a norma padrão. Por isso não ouvimos os brasileiros dizerem frases do tipo: "Espera-me!", "Ouve-me!", "Amo-te!".



Vozes verbais: voz passiva pronominal e voz passiva analítica

Quando falamos de flexão de voz, falamos da forma que o verbo assume para indicar se a ação da frase é praticada ou sofrida pelo sujeito. O verbo pode assumir três formas verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva.

Voz ativa

Um verbo está na voz ativa quando a flexão verbal nos indica que o sujeito é quem pratica a ação expressa pelo verbo, ou seja, ele é o agente da ação.

Exemplo: Os jogadores ganharam o torneio.

Voz passiva

Um verbo está na voz passiva quando a flexão verbal nos indica que o sujeito é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Há duas formas de voz passiva, a analítica e a sintética.

Exemplo: O torneio foi ganho pelos jogadores.

Voz passiva analítica

Formada normalmente pelo verbo auxiliar ser, estar, ficar, seguido do particípio do verbo principal.

Exemplo: O técnico foi demitido do clube.

Voz passiva sintética

Formada por um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto na 3ª pessoa, seguido de pronome SE (partícula apassivadora).

Exemplo: Vendem-se casas.

Voz reflexiva

Um verbo está na voz reflexiva quando a flexão verbal indica que o sujeito faz (agente) e recebe (paciente) a ação verbal, ou seja, ele, ao mesmo tempo, pratica e recebe a ação verbal.

Exemplo: O garoto feriu-se.



Flexão de imperativo

Embora o modo imperativo esteja ligado à ideia de ordem, nem sempre se usa esse modo verbal com tom de autoridade. É verdade que, na maioria das vezes, usa-se o imperativo para ordenar que alguém cumpra uma ação, no entanto, os imperativos afirmativo e negativo podem ser usados com outras finalidades, podendo exprimir:

Ordem ou comando

Faça logo sua tarefa.

Exortação, conselho

Não faça com os outros o que não gostaria de que fizessem com você.

Convite, solicitação

Venha comemorar meu aniversário!

Súplica

Não me deixe só.

Sugestão de uma hipótese

Coloque mais chocolate em pó que ficará mais gostoso.

Ordem

Saiam da chuva, meninos!

Dica: deve-se levar em conta que as ideias expressas pelo imperativo dependem não só do significado do verbo, mas também do contexto em que a frase é falada/lida e da entoação que se dá às palavras, já que, dependendo do tom de voz, uma frase pode ser um comando e até mesmo uma súplica.

Exercícios



De aula

1. eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a::... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...

A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é

- a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas.
- b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português.
- c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical.
- d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados.
- e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

2.

Até quando?

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo). Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto

- a) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
- b) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.
- c) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
- d) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
- e) originalidade, pela concisão da linguagem.

3. Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colunistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- a) descartar as marcas de informalidade do texto.
- b) reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- c) moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- d) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- e) desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

4.

A História, mais ou menos

Negócio seguinte. Três reis magrinhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. Viram o cometa no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dicado o troço: em Belém, da Judeia, vai nascer o Salvador, e tá falado. Os três magrinhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irem direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes, em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: *Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.* Quer dizer, pegou mal. Muito mal. O velho Herodes, que era um oligão, ficou grilado. Que rei era aquele? Ele é que era o dono da praça. Mas comeu em boca e disse: *Joia. Onde é que esse guri vai se apresentar? Em que canal? Quem é o empresário? Tem baixo elétrico? Quero saber tudo.* Os magrinhos disseram que iam flagrar o Guri e na volta dicavam tudo para o coroa.

VERÍSSIMO, L. F. O nariz e outras crônicas. São Paulo: Ática, 1994.

Na crônica de Veríssimo, a estratégia para gerar o efeito de humor decorre do(a)

- a) Linguagem rebuscada utilizada pelo narrador no tratamento do assunto.
- b) Inserção de perguntas diretas acerca do acontecimento narrado.
- c) Caracterização dos lugares onde se passa a história.
- d) Emprego de termos bíblicos de forma descontextualizada.
- e) Contraste entre o tema abordado e a linguagem utilizada.

5. Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo para xaxar

Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar

Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que eu tou aqui com alegria

BARROS, A. Óia eu aqui de novo. Disponível em: www.luizluagonzaga.mus.br. Acesso em: 5 maio 2013 (fragmento).

A letra da canção de Antônio de Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma característica do falar popular regional é:

- a) “Isso é um desaforo”.
- b) “Diz que eu tou aqui com alegria”.
- c) “Vou mostrar pr'esses cabras”.
- d) “Vai, chama Maria, chama Luzia”.
- e) “Vem cá morena linda, vestida de chita”.

6.

Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”.

Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. Língua Portuguesa, n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- a) as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- b) o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- c) o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- d) as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- e) o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.



De casa

1. Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco. Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido

- a) à adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- b) à iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- c) ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- d) à intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.
- e) ao seu interesse profissional em financiar o veículo de Júlio.

2. Texto I

O professor deve ser um guia seguro, muito senhor de sua língua; se outra for a orientação, vamos cair na “língua brasileira”, refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio, recurso vergonhoso de homens de cultura falsa e de falso patriotismo. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que exprime e representa o idioma pátrio?

ALMEIDA, N. M. Gramática metódica da língua portuguesa. Prefácio. São Paulo: Saraiva, 1999 (adaptado).

Texto II

Alguns leitores poderão achar que a linguagem desta Gramática se afasta do padrão estrito usual neste tipo de livro. Assim, o autor escreve tenho que reformular, e não tenho de reformular; pode-se colocar dois constituintes, e não podem-se colocar dois constituintes; e assim por diante. Isso foi feito de caso pensado, com a preocupação de aproximar a linguagem da gramática do padrão atual brasileiro presente nos textos técnicos e jornalísticos de nossa época.

REIS, N. Nota do editor. PERINI, M. A. Gramática descritiva do português. São Paulo: Ática, 1996.

Confrontando-se as opiniões defendidas nos dois textos, conclui-se que

- a) ambos os textos tratam da questão do uso da língua com o objetivo de criticar a linguagem do brasileiro.
- b) os dois textos defendem a ideia de que o estudo da gramática deve ter o objetivo de ensinar as regras prescritivas da língua.
- c) a questão do português falado no Brasil é abordada nos dois textos, que procuram justificar como é correto e aceitável o uso coloquial do idioma.
- d) o primeiro texto enaltece o padrão estrito da língua, ao passo que o segundo defende que a linguagem jornalística deve criar suas próprias regras gramaticais.
- e) o primeiro texto prega a rigidez gramatical no uso da língua, enquanto o segundo defende uma adequação da língua escrita ao padrão atual brasileiro.

3. Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências[†] existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como ter por haver em construções existenciais (tem muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para mim fazer o trabalho), a não-concordância das passivas com se (aluga-se>† uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicar juízo de valor.

CALLOU, D. *Gramática, variação e normas*. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO.

Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que

- a) estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- b) falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- c) moradores de diversas regiões do país que enfrentam dificuldades ao se expressar na escrita revelam a constante modificação das regras de emprego de pronomes e os casos especiais de concordância.
- d) pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma padrão.

- e) usuários que desvendam os mistérios e sutilezas da língua portuguesa empregam formas do verbo *ter* quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo *haver*, contrariando as regras gramaticais.

4. Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra num desses meus badulaques. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” — do verbo “varrer”. De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma “varroa”(sic!) (você não sabe o que é uma “varroa”?) para corrigir-me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é “varrição” e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a “varroa” no topo. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção” quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

ALVES, R. *Mais badulaques*. São Paulo: Parábola, 2004 (fragmento).

De acordo com o texto, após receber a carta de um amigo “que se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário” sinalizando um erro de grafia, o autor reconhece

- a) a supremacia das formas da língua em relação ao seu conteúdo.
- b) a necessidade da norma padrão em situações formais de comunicação escrita.
- c) a obrigatoriedade da norma culta da língua, para a garantia de uma comunicação efetiva.
- d) a importância da variedade culta da língua, para a preservação da identidade cultural de um povo.
- e) a necessidade do dicionário como guia de adequação linguística em contextos informais privados.

5.

Dúvida

Dois compadres viajavam de carro por uma estrada de fazenda quando um bicho cruzou a frente do carro. Um dos compadres falou:

— Passou um largato ali!

O outro perguntou:

— Lagarto ou largato?

O primeiro respondeu:

— Num sei não, o bicho passou muito rápido.

Piadas coloridas. Rio de Janeiro: Gênero, 2006.

Na piada, a quebra de expectativa contribui para produzir o efeito de humor. Esse efeito ocorre porque um dos personagens

- a) reconhece a espécie do animal avistado.
- b) tem dúvida sobre a pronúncia do nome do réptil.
- c) desconsidera o conteúdo linguístico da pergunta.
- d) constata o fato de um bicho cruzar a frente do carro.
- e) apresenta duas possibilidades de sentido para a mesma palavra.

Gabarito



De aula

1. A
2. D
3. D
4. E
5. C
6. C



De casa

1. A
Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido à intimidade entre Júlio e Helena. Inicialmente, como se tratava de uma conversa formal de trabalho, o registro da língua era formal, no entanto, ao perceberem que se conheciam, houve uma mudança do registro formal para o informal, o que é evidenciado pela mudança de “senhor” por “você” e “cê” e pela forma coloquial “tivesse” (estivesse). Nesse sentido, tem-se a configuração da variação difásica, visto que a língua variou de acordo com o contexto comunicativo, isto é, a ocasião determinou o modo de falar, que pode ser formal ou informal.
2. E
O primeiro texto prega a rigidez gramatical no uso da língua e critica a “língua brasileira”, caracterizando-a como “refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio”. Por outro lado, o segundo texto defende uma adequação da língua escrita ao padrão atual brasileiro, ou seja, preocupa-se em “aproximar a linguagem da gramática do padrão atual brasileiro presente nos textos técnicos e jornalísticos de nossa época”.

3. B

Segundo o texto, existem duas línguas: a idealizada e a efetivamente praticada. Na praticada, os falantes que dominam a variedade padrão revelam tendências existentes na língua, como o uso de “ter” no lugar de “haver”. De acordo com o autor, essas tendências, consideradas pela gramática normativa como erros, não devem ser bloqueados em nome de um “ideal linguístico” representado pelas regras da gramática normativa, mostrando-se a favor da ideia de que quem faz a língua é o povo, é quem fala, e não a norma.

4. B

Apesar de parecer concordar que quem faz a língua é o povo e não o dicionário, o autor reconhece a “necessidade da norma padrão em situações formais de comunicação escrita” quando afirma que o deslize cometido é “um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação”.

5. C

O efeito de humor ocorre, na piada, devido à pronúncia incorreta da palavra “lagarto”. Ao questionar “lagarto ou largato”, o personagem espera que o outro perceba o erro que cometeu, no entanto, o amigo não percebeu e o humor aparece porque ele acha que existem dois animais diferentes, um lagarto e outro largato, quando responde à pergunta: “Num sei não, o bicho passou muito rápido”.

Continue estudando

[Resumo para o Enem: Pronomes](#)

[Exercício de Pronomes](#)

[Vozes do Verbo: Ativa, Passiva e Reflexiva](#)